



PORTA TRAVESSA DA SÉ DE MÁLAGA.

Em o n.º 85 deixámos escriptas algumas linhas a respeito da cidade de Málaga, que acaba de receber por decreto real, em virtude dos recentissimos acontecimentos, o titulo de — *Sempre denodada*, e o privilegio de acrescentar uma corôa cívica ao escudo d'armas com a legenda — *A primeira no perigo da liberdade*. Da cathedral démos succinta idéa: é de uma de suas portas lateraes, que appresentámos agora desenho.

Málaga é de grande antiguidade, os seus antiquarios pertendem que fóra fundada oito ou nove seculo antes de J. C. pelos navegadores e commerciantes phenicios, que reconheceram a bondade e vantajosa situação deste porto, e pozeram á nova povoação o nome de *Malcha* [que significa *real*] em testemunho da estimação em que a tiveram. Todavia não ha prova clara de tão remota antiguidade: o Sr. d'Humboldt diz que *Málaca* é palavra do vasconço genuino, e quer dizer *encosta de montanha*. Successivamente a possuiram os carthaginezes, os romanos que lhe deram a jerarchia de *municipio*, os godos, e os sarracenos; nos primeiros tres séculos do dominio destes ultimos esteve sujeita aos califas de Cordova; pelo desmembramento do califado cahiu em poder ora de um ora de outro soberano de poucos recursos, até que no seculo 13.º ficou annexa ao reino mourisco de Granada. Os reis catholicos, Fernando e Isabel, a ganharam depois de porfioso cerco de tres mezes, no decurso do qual os moradores padeceram os horrores da mais excessiva fome.

Desde antigas eras, em poder de qualquer da-

quellas nações foi pelo commercio famosa: ainda hoje é das mais florecentes da Andaluzia. Importa pannos finos, algodões, drogas, quincalherias e obras de cutelaria: as suas exportações são muito mais consideraveis, e por anno montam proxima-mente a oito milhões de cruzados, consistindo na maxima parte em fructas e vinhos; estes, que outr'ora tiveram gasto em Inglaterra, tem ao presente quasi todo o seu consumo nos Estados-Unidos e na America hespanhola; as fructas são geralmente vendidas á Graã-Bretanha; os outros generos que manda para fóra são aguas-ardentes, azeite, açafão, barrilha, e sabão, o qual é a manufactura de Málaga mais digna de menção, não obstante haver uma fundição de ferro, ha pouco estabelecida, e uma fabrica de preparação do tabaco de fumo, que dá emprego diario a 700 pessoas. Teve 24 conventos, que foram supprimidos em 1835. Era sem comparação mais populosa em tempo dos mouros; hoje calculam-se-lhe sessenta mil almas. Poucos residuos conserva da architectura romana: os restos dos edificios arabes são mais numerosos, e descobrem-se intermeados pela cidade em muralhas, torres, portas, casas, notando-se ainda alguns fragmentos de mesquitas: tambem desse tempo lhe ficou a prática de construir sotéas em muitos predios, á maneira oriental; alguns com seus mirantes mui adequados para tomar o fresco. O povo, como em quasi toda a Hespanha, é mui dado ás festas de corridas de touros, para as quaes tem uma grandiosa praça, que dá idéa de um circo romano, com a capacidade necessaria para doze a

quinze mil espectadores, e tendo a altura de um quinto andar até o acroterio superior. A *malagueña* é uma dança, propria da terra, que não deixa de ser garbosa.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

IX.

(Continuado de pag. 319).

É PORQUE não haja quem diga, que não trataram os homens mais que de se enfeitarem nem lhes lembrára mais que suas louçainhas e vaidade, sei dizer que o gasto que fizeram nos vestidos foi pouco em comparação das armas e aparelhos para pelejarem.

Não houve homem fidalgo que não comprasse muitos corpos d'armas muito lustrosos, e não mandasse pintar nellas suas armas em campos de diversas côres; mil peitos de próva de muito preço, muitas couras e coletes de anta, couraças de laminas cubertas de veludo e setim de todas as côres com tachas d'ouro e prata, muitas saias de malha, e gibonetes, tudo muito galante e de muito gasto, e muitas rodellas d' aço tauxiadas de lavor d'ouro com suas armas pintadas nellas, muitas adargas muito fortes, muitas lanças dourados os contos e engastes, espadas largas e cortadoras, muitos montantes, leques, terçados, e todo outro genero d'armas muito fortes e galantes.

Levam muitos homens fidalgos um cavallo acubertado de cubertas d'anta muito fortes e louçans, pintadas nellas suas armas de tintas finissimas. Houve cubertas destas que passaram de mil cruzados. Não houve genero d'armas assim offensivas como defensivas que os homens não comprassem com muito gasto e custo, e com mais gasto ainda que nos vestidos.

Levam tambem muitas tendas muito ricas e muitas dellas de seda, com suas grimpas douradas e bandeiras de seda, e tendilhões para a gente e cavallos; e elrei leva muita somma de tendas que mandou trazer de Alemanha; e se afirma que as d'elrei e dos fidalgos e estrangeiros serão mais de 4;000 com os tendilhões.

É de notar como os homens vão alfaiados, e o muito provimento de todas as cousas que levam, que parece que levam casa mudada, como se lá houvessem de estar vinte annos. Foi de maravilhar em todo este tempo, com tanta confluencia de forasteiros e gente de todo este reino, não faltarem nunca os mantimentos nesta terra, nem alevantar o preço delles, antes que nenhum outro tempo houve mais, nem mais baratos. Esta foi uma das cousas em que Lisboa mostrou bem sua grandeza.

Comquanto elrei mandou lançar bando com penas grandes que ninguem vendesse as cousas por mores preços do que d'antes valiam, e com ao principio prenderem alguns por isso, não deixaram as sedas, pannos, e armas, e todas as cousas necessarias para esta jornada de custar cinco e seis vezes mais do costumado. Isto destruiu os homens; e na rua-nova onde todas estas cousas se vendem, apregando um fidalgo algumas cousas de seda para se vestir, pelas quaes lhe pediram tanto mais do que valiam, que fazia medo, disse com assaz dór de coração: — que mais arreceavam os homens a guerra que se lhes fazia na rua-nova, que a que se esperava em Africa. Destes havia muitos, e os mais

delles negociavam em pessoa, que assim era necessario para se melhor negociarem, e pelo muito gasto que fizeram ficaram todos destruidos, e uns venderam as herdades, e casas e casaes e quintans por dois seitis, e outros empenharam as commendas e morgados, por muitos annos por d'ante mão, para se aviarem, por muito pouco preço valendo muito, e haviam provisões d'elrei para o poderem fazer sem embargo de serem morgados: e outros vendiam a prata e ouro, e tudo o mais de que se podia fazer dinheiro se punha em leilão.

Não houve nenhum officio que não estivesse com obra, e todos elles alevantaram sem consciencia. Ao menos os officiaes de vestidos, pintores, douradores, armeiros, sirguezeros, e officiaes de tendas ficaram ricos para sempre, e os mais não ficaram pobres.

Deu o arcebispo licença pelo principio de maio, que d'ahi até se partir elrei trabalhassem todos os officiaes de todos os officios dias e santos de guarda, nas cousas que pertenciam á guerra ou seu aparelho; e assim se fez, que todos trabalhavam; e comtudo isso não se poderam acabar de aviar todos os fidalgos, que ainda cá ficaram alguns que apoz elrei se partiram.

Foi recommendado a Jeronymo Corte-real e a D. João de Mafra e a outro fidalgo, que não soube o nome, que inventassem o que poria elrei no timbre de suas armas novas, com que nesta jornada havia de sahir. Acordavam que pozesse abaixo das armas reaes dois piramides ao modo de columnas, e de um destes ao outro pozessem umas letras que dissessem: — Amor, fé, amor.

Depois d'elrei assim estar embarcado, este sabado que disse, ao domingo seguinte, que foram 15 dias do mez de junho, sabiu a ouvir missa na igreja de Santos velho, e dahi se tornou outra vez a jantar á sua galé, e nella andou toda a tarde vendo a frota, e dando pressa que se aviassem, e da mesma maneira todos os dias daquella semana andou visitando as náus e velas grandes, dando-lhes pressa que se aviassem, e na segunda feira pela manhã mandou elrei lançar bando com trombetas que todos se embarcassem, porque elle botava na quarta feira seguinte de foz em fóra, e o mesmo fez na segunda feira á noite, e á terça feira pela manhã e á noite.

Na quarta feira se mudou o tempo do mar, e esteve assim até a segunda feira vespera de S. João té o meio-dia.

(*) Neste meio tempo aconteceu uma desgraça grande ao senhor D. Antonio, prior do Crato, com elrei e com Christovam de Tavora; e foi que tinha o senhor D. Antonio fallado a um criado da infante D. Maria, grande reposteiro, e mantieiro maravilhoso e mui destro nesta cousa de banquetes; e estava concertado leva-lo comsigo nesta jornada, e a esta conta esteve, comeu e pousou alguns dias em casa do senhor D. Antonio. Teve Christovam de Tavora noticia deste homem: mandou-o chamar, e lhe rogou ou lhe mandou que o acompanhasse nesta jornada; que cumpria assim. Como Christovam de Tavora é do bafio d'elrei e tanto seu privado, e quer, pode e manda, acceitou este homem de boa vontade ir com elle sem embargo da palavra que tinha já dado ao senhor D. Antonio, o qual na vespera da partida o mandou chamar a sua casa, e lhe disse que se acabasse de aviar. Respondeu-lhe

(*) O successo narrado neste § acha-se em todos os historiadores, mas vem aqui com diversas circumstancias.

elle sem pejo, que ia com Christovam de Tavora, que não podia ir com S. Ex.^o Faltou a paciencia ao senhor D. Antonio, e por sua mão lhe deu com um páu umas poucas de pancadas e o tratou mal. Tomado Christovam de Tavora disto fez queixume a elrei que o senhor D. Antonio lhe espancára um homem seu, porque não quizera ir com elle. Estando isto desta maneira acertou de ir o senhor D. Antonio á galé d'elrei, e antes que chegasse a elle fallou a cinco ou seis fidalgos que estavam afastados da pôpa, entre os quaes estava Christovam de Tavora, e todos salvaram e tiraram o chapéu ao senhor D. Antonio senão elle que virou o rosto para outra parte. Disse-lhe o senhor D. Antonio: — Sois mal ensinado, Christovam de Tavora: — a que elle respondeu: — Nunca o eu sube ser, senão quando me sobejou rasão para isso. Anojado o senhor D. Antonio, se foi fazer queixume a elrei, parecendo-lhe que emendasse a descortezia: elle lhe respondeu de má graça e por cima de hombro: — Vós lh'o tereis merecido. — Sabiu-se o senhor D. Antonio da galé aggravado. Informado depois elrei do que passava, e sabendo que tratava de se ir para Castella, o mandou chamar e apaziguou o caso.

Em todo este tempo que elrei esteve embarcado, o estiveram os fidalgos principaes, porque tinham por má fidalguia estar elrei embarcado, e elles em suas casas; ainda que de noite iam a furto dormir a ellas, e dia estavam em suas embarcações. A segunda feira, vespera de S. João, mandou elrei lançar bando, que toda a pessoa, que estivesse apontada nos rões, estivesse embarcada dia de S. João pela manhã, sob pena de serem presos á mercê de S. A.: e ao dia de S. João pela manhã mandou elrei levar ancora defronte da igreja de Santos, onde costumava a manda-la botar todas as noites, e dahi se botou defronte de toda a armada de largo, e mandou disparar uma peça, que é signál de recolher, e se despediu de todo; e deixando os que ficavam muito saudosos se foi caminho de Oeiras, tres leguas de Lisboa, onde fez embarcar os 600 romanos, e mandou que o mesmo fizessem os tudescos. Ahi esteve até o outro dia ao jantar, e toda a manhã andou o patrão-mór em um bergantim da ribeira de Lisboa, a bordo de todos os navios, dizendo da parte d'elrei que se partissem logo, que esperava por elles em Oeiras.

Neste mesmo dia á tarde, elle com a frota que estava junta em Oeiras, se partiu com um tempo tão bem assombrado como elrei desejava para sua jornada; e com quanto todos determinaram de se aviar depressa, ainda ficaram na ribeira de Lisboa 160 velas entre caravellas de fidalgos e outros navios d'alto-bordo que muitos fidalgos tinham fretados. Todos estes navios que ficaram se negociaram com a mór brevidade que pôde ser para se irem apoz elrei; e para isto mandou que ficasse em Cascaes o galeão S. Martinho, um navio formosissimo e mui forte, o qual ficou para dar guarda e seguro ás velas que ficaram em Lisboa, para as acompanhar até Africa.

Foi cousa mui formosa de ver a multidão de velas que foram com elrei; porque as velas que estavam no rio de Lisboa apontadas para ir com elrei, eram 940, entre as quaes eram mais de 500 d'alto-bordo mui bem artilhadas, e entre estas algumas guerreiras e inexpugnaveis, como eram os galeões d'elrei, e as náus venezianas, e urcas, e outras muitas portuguezas, todas com artilharia de bronze, com muitas bombas de fogo, e outros ar-

tificios e petrechos desta qualidade. Iam estas velas todas juntas e embandeiradas com seus estandartes de seda nas gaveas, que chegavam com as pontas á agua empavezadas, com varandas pintadas e cõrtinas de seda, e as caravellas com seus toldos e bandeiras de quadra; e ver andar elrei por entre as náus mandando-lhes que se aviassem depressa, e disparar toda a artilharia, e cobrir-se tudo de fumo.

Quando elrei partiu de Oeiras, que desamarrou e levou ancora, desamarraram com elle pouco menos de 800 velas, com as velas todas mettidas, que faziam uma vista formosissima; e quando chegar a Africa deve de ir com mais de 1500 velas, porque tem mandado que se ajuntem no Algarve as da cidade do Porto, de Vianna, d'Aveiro, villa do Conde, Buarcos, Setuval, em o qual estão esperando mais de 200 velas, e outras muitas que estão em Cezimbra, Sagres, Lagos, Tavira, e em todos os portos do Algarve, onde se havia de embarcar a gente do terço de Francisco de Tavora.

A ordem do soldo é que dá elrei a cada soldado quatro cruzados cada mez, e os mantimentos hão-se de vender por elle, e para isto mandou ir muitos taberneiros de todas as partes para venderem no campo os mesmos mantimentos d'elrei pela taxa, e desta maneira não se pôde alevantar o preço delles.

(A. Herculano.)

A MULHER HYDROPICA.

GERARDO Dow, notavel pintor da eschola flamenga, foi filho de um vidraceiro, e natural de Leyden onde falleceu em 1680 com 67 annos de idade. Foi discipulo do famigerado Rembrandt, ao qual imitou no colorido e na força do claro-escuro, porém não assim em o geral do estylo, porque o character e particular organização o inclinava a concluir seus paineis com summa paciencia, com minucioso cuidado nas menores particularidades, com desejo extremo de acabar tudo, qualidades mui remotas da maneira do mestre: consumia por isso muito tempo no trabalho, e pintava em ponto pequeno; de raro os seus quadros chegavam a ter altura de dois palmos. A fim de conservar a esmerada limpeza que pertendia em suas obras, costumava pô-las a bom recado assim que largava o pincel; e quando voltava á camara do trabalho, antes de principiar, deixava-se estar immovel por bom espaço de tempo para dar logar a que assentasse a poeira subtil que levantára com os pés; no entanto não tirava a tãla, os pinceis e a palheta, da caixa em que os recolhêra; o que fazia depois com apurada cautela. Era homem desta paxorra; segundo confissão propria, levou tres dias a pintar as costas de páu de uma escôva, accessorio minimo de um painel que fizera. Por suas mãos preparava os pinceis, e moía as tintas, porque ninguem lh'o fazia a seu gosto. Para conservar a exactidão do debuxo, observava-o atravez da gradesinha de redução de que usam muitos gravadores: soccorria-se tambem de uma lente que diminuia o tamanho natural do modelo.

Gerardo Dow fazia nos seus principios artisticos miniaturas e retratos de pequenas dimensões, mas pelo demasiado vagar impacientava os donos, que os encommendavam: até que por fim tambem elle

se cansou de attender a duas cousas, á perfeição na parecença, e á prolixidade na execução da obra, e reconhecendo que eram incompatíveis, dedicou-se a pintar scenas da vida vulgar, tão minuciosamente, que ha nas suas composições objectos miudos, que só com o auxilio de vidro de augmentar se podem devidamente desfructar e ter em preço. Regularmente não escolhia os assumptos que fallam á imaginação e excitam a sensibilidade; ha porem uma grande excepção desta sua maneira no apreciavel quadro da *mulher hydropica*. Ahi se vê a enferma sentada n'uma cadeira de braços; a seus pés a filha submergida em pranto; logo proximo o medico observando attentamente o liquido contendo no frasco que tem na mão. O quarto está adornado de moveis, alcatifas, e outros accessorios, pinta-

dos com o escrupulo que já indicámos no auctor; e todavia essas circumstancias não distrahem a attenção do espectador, captivada pela verdade e expressão das figuras. Tudo neste painel é de certo character sublime e nobre; comparativamente fallando, dá visos do toque e estylo de Raphael e de Poussin: a composição é bella e pathetica, como se fóra obra dos insignes mestres; e as miudezas que revestem a scena são tão bem acabadas, como de um bom artista de segunda ordem, que outra cousa não soubesse fazer, sendo todavia primoroso neste seu ramo privativo.

As pinturas de Gerardo são estimadas e acham-se por todas as grandes colleções e galerias das principaes côrtes da Europa.



A MULHER HYDROPICA: QUADRO DE DOW.

Agriultura.

DAS MÁS PRÁTICAS NA CULTURA, E DOS CORRECTIVOS QUE AS PODEM E DEVEM RECTIFICAR (*).

DISSEMOS nas antecedentes reflexões, na ultima parte

(*) V. Panor. pag. 188 e 327 do vol. 1.º desta Serie.

das considerações geraes, que de quatro modos principalmente peccavam os cultivadores em seus amanhos e trabalhos agricolas, a saber: pela perpetuidade das mesmas sementeiras e plantações; — pela má escolha dos terrenos; — pela isolação e desamparo das plantas; — e pelo máu methodo da irrigação. Apontamos igualmente os correctivos que po-

dem melhorar e rectificar o mal em todas estas partes.

Primeiro correctivo: o *afolhamento* ou *rotação* de cultura. Desde muito tempo que os homens praticos e experientes viram que a terra se cansa á força de amanhos e de producção: que se nos annos proximos á sua rotação produzia bem, e correspondia aos suores do lavrador, pouco e pouco depercia em força fertilisante, e por fim se definhava, dando apenas poucos, ou máns fructos. Via-se o phenomeno, porem não souberam a que o attribuir: o mais facil era assentar que a terra, assim como os sêres animados, precisava descanso; dahi o systema dos *alqueives*, de deixar em *pousio* uma terça ou quarta parte do campo aravel, em quanto se cultivavam e trabalhavam as outras. Diz-se que um celebre agricultor italiano, chamado Barbo, foi o que primeiro fez e aconselhou esta descoberta no fim do seculo decimo-quarto. O seu plano consistia em cultivar a terça parte do terreno no outono em cereaes d'inverno, outra terça parte em grãos na primavera, e deixar em *pousio* a terça parte restante. E o mais é que este systema pegou e curvou por alguns seculos, e não só na Italia, mas na França dominou, e passou até nós.

Os economistas porem entraram de desconfiar de um systema apathico, perguiçoso, que privava os homens dos productos da terça parte de suas terras; e reflectiram que com este methodo nem os productos, nem as rendas, nem a população podiam jámais crescer e augmentar. E com effeito, dada uma sementeira regular e perpetua dos mesmos grãos n'uma igual porção de terreno, era evidente que o seu producto e rendimento medio seria sempre o mesmo: ora é sobre este producto medio que a população e o rendimento se estabelecem. A variação das estações sómente ahi póde occasionar algumas differenças, porem estas são antes em mal do que em bem. O systema portanto foi condemnado, abandonado; e nasceu a agricultura nova.

O cansaço da terra não procedia da continuidade dos amanhos, sim do esgotamento dos succos nutritivos; era preciso portanto descobrir o modo de economisa-los e renova-los, o que se consegue [além dos estrumes, porque estes entram sempre em toda a lavoura] pela *afolheação* da terra, ou *rotação* das sementes. Chama-se-lhe *afolheação* porque o campo, o terreno é dividido e distribuido em certas porções a que dizemos folhas [como as folhas de partilha d'uma herança commum], assignando-se a cada uma dellas a sua cultura annual; e *rotação* porque uma serie de sementeiras e colheitas alternada fazem ahi um giro por todas ellas em um certo numero de annos até recommençar pela mesma ordem. Isto parecerá ao principio complicado; nós o demonstraremos mais tarde; praticamente é cousa muito facil.

Conveniencia e necessidade da rotação.

A experiencia tem mostrado que em geral se não póde com utilidade cultivar o mesmo genero cereal por muitos annos continuos no mesmo solo; a terra se empobrece e se torna infecunda. Mas a experiencia e o discurso mostram igualmente que não succede assim com todas as plantas; sabe-se que nem todos os vegetaes se empobrecem, e que mesmo alguns ha que as melhoram. Deste numero são o trevo, a luserna, e em geral todas as demais

plantas vivazes dos prados que se cortam antes da sua maturidade, as quaes deixam a terra n'um melhor estado de fertilidade que antes.

Os grãos cereaes são mui vorazes, e esgotam os succos nutrientes quando chegam á sua inteira maturidade. — Das plantas tuberculosas é a batata talvez a que mais come dos succos fertilisantes da terra. — Os legumes esgotam-os menos que os cereaes, e quando se cortam em verde quasi nada tiram do solo.

A regra é que as mesmas plantas não devem voltar ao mesmo terreno senão depois d'um certo numero de annos. Quasi impossivel é estabelecer principios fixos e rigorosos, e indicar d'antemão os grãos e plantas que convirá adoptar na rotação da cultura. A experiencia e bom discurso do cultivador o devem guiar na escolha das especies segundo o clima, a natureza do terreno, e conforme as suas necessidades. As noções e preceitos geraes que podem dar-se são as seguintes.

1.º Convem intercalar as sementeiras esgotantes, e as plantas que melhoram; isté é, que aquellas que costumam empobrecer o terreno quaes os cereaes, se sigam as que o melhoram, como são as dos prados artificiaes e as hortas.

2.º Que a cultura das sementeiras feitas ao arado se alternem quanto possivel fór com as das plantas cultivadas á enchada, e mondaveis, a fim de que o terreno seja limpo e expurgado das más hervas.

3.º Que nesta alternativa se estrume com preferencia a terra vólvida ao sachou ou á enchada, porque ahi fica melhor misturado e conglomerado com a terra, e muito bem produzirá cereaes depois de haver produzido plantas, hortaliças e legumes.

4.º Jámais convirá semear em terreno pobre e esterilizado sem primeiro o fecundar com estrumes; — não repetir, quanto fór possivel, dois annos a fio a cultura de cereaes do mesmo genero; — nunca os da mesma especie.

5.º As plantas proprias para forragens, aquellas que se cortam em verde, devem seguir-se no terreno que acabou de produzir cereaes, da mesma sorte que estes se seguiram nos terrenos sachados, estrumados, e cultivados em hortas de legumes, hortaliças, &c.

6.º Devem escolher-se e appropriar-se as sementeiras e plantações adaptadas á natureza do solo, e collocadas de modo que possam receber os amanhos preparatorios que cada uma exige.

7.º É indispensavel combinar e dispôr a rotação da cultura de maneira que se tenha sempre uma quantidade de forragens sufficiente para entreter e nutrir os gados; e que estes sejam na proporção de produzirem a quantidade necessaria d'estrumes.

8.º O melhor circulo ou rotação de cultura será aquelle que sem esgotar a fertilidade da terra, dê o maior proveito possivel, com o menor gastão do seu amanho.

Suppostos os principios que ficam enuncia-dos, que podem variar comtudo segundo as circumstancias que apontamos do clima, da natureza da terra, e das necessidades locaes, ou pessoas do cultivador, daremos aqui algum exemplo deste methodo hoje abraçado nos paizes modelos de agricultura, que todavia não poderá jámais servir de norma fixa, porque a sua applicação ficará sempre dependente do discernimento do cultivador e da sua experiencia.

A rotação da cultura é de mais ou menos tempo

segundo os usos e experimentos dos paizes e localidades; e as ha de 4, 6, 8, e 10 annos. Aquella que tem merecido mais geral approvação é a do condado de Norfolk; afolheação e rotação quadrienal. Consiste ella em começar por uma cultura de hortaliças, legumes, &c., em terra bem volvida, sachada e estrumada; — faze-la seguir d'uma de cereaes em março, e de prados artificiaes, conservados estes até ao terceiro anno, — e terminar por sementeira d'outono.

Já se vê que isto se refere a outra regra fundamental de cultivar, e é que o terreno deve ficar *descuberto*, ou *nú*, e desprovido de plantas o menos tempo possível: são estas que impedem a evaporação dos principios uteis.

Exemplo d'afolheação e rotação quadrienal.

Cultura feita ao sacho. — Grãos de bico; lentilhas; favas; ervilhas; rabanos; cenouras; batatas; cebolas; feijões; nabos; alhos; couves; colza, &c.

Cereaes de março. — Milho de todas as qualidades; centeio temporão ou de março; cevada dita; arroz; avea, &c.

Forragens. — Ferraã, ou sanfeno d'Hespanha; trevo; meliloto; serradela; lentilhão; trevo encarnado; esparzeta; luzerna; chicorea selvagem, &c.

Cereaes d'outono. — Centeio ordinario; trigos, &c.

A chave deste systema de rotação [assolement] consiste em alternar as sementes e a cultura de modo que não voltem ao mesmo logar senão de quatro em quatro annos. A sua utilidade consiste em que a terra aliás melhor preparada, volvida e purgada das más hervas pelo alternado das culturas sachadas e lavradas não é empobrecida e esgotada de seus succos, porque o que lhe tiram os cereaes é indemnizado pelas outras plantas e hervas que conservam e algumas melhoram o terreno. É evidente que a primeira cousa que tem a consultar o cultivador antes de adoptar este systema é:

1.º A natureza do terreno que tem a cultivar, a fim d'adoptar e proporcionar as sementes e plantas, visto que nem todas as terras são aradas para tudo.

2.º A influencia do clima, e regularidade costumada das estações em a localidade; porque seria absurdo que o cultivador se abalançasse a lançar á terra sementes e plantas contrarias á temperatura do local.

3.º A natureza e qualidade dos vegetaes que ahi crescem e prosperam naturalmente, porque isso lhe indicará aquelles a que deve dar a preferencia.

4.º Os recursos e necessidades locais, os habitos e costumes da povoação; a facilidade da venda e extracção; as suas proprias precisões: porquanto, em logar de proveito seria ruina dedicar-se a um genero de cultura que, apesar de sua abundancia ou melhoria, não tivesse valor nem consumo.

5.º As vantagens ou inconvenientes que resultam d'uma povoação consideravel, ou mesquinha, da penuria ou riqueza dos habitantes; da proximidade ou distancia das fabricas, manufacturas, &c. em que o serviço e o trabalho seria mais productivo.

6.º A ordem dos trabalhos necessarios a cada cultura, a provisão dos instrumentos correspondentes a cada serviço agrario, o emprego judicioso do tempo, os gados, os estrumes.

No outro artigo, em que trataremos do segundo modo rotineiro, isto é, do empirismo da cultura pelo que respeita á escolha das terras, e do cor-

rectivo a este grave inconveniente, mostraremos pela descripção succinta de cada uma das especies de terra o absurdo palpavel de repetir no mesmo local uma cultura fraca, mesquinha, e improductiva.

É com effeito que causa lastima ver principalmente, nas duas provincias do Minho e Beira, que quasi estão fundadas sobre um terreno homogenco, e semelhante na formação e no clima, em que as precisões e os consumos, os habitos e costumes dos habitantes não são muito desimilhanes; causa pena, dizemos, ver como ahi ainda actualmente se obstinam a lançar á terra o milho em terreno ligeiro, secco e pulverulento, em local onde não podem chegar as regas; e ver consequentemente deperecer, definhar-se e por fim torcer-se a pobre planta sem chegar a alguma maturidade proveitosa. É isto renovar-se e repetir-se todos os annos, accusando-se inutil e quasi sacrilegamente o Auctor da natureza porque lhe não mandou chuvas no estio! Não advertindo os irreflectidos cultivadores que o milho é um dos cereaes esgotantes, que requerem terra mui pingue e fertil, e que só produzem em terras humidas ou regadas. Mas tal é o habito da rotina que de pais a filhos tem passado o costume de semear milho precisamente no mesmo local, sem variar jámais de cultura. Variada que fosse pelo methodo proposto da rotação, não se veria o repugnante espectáculo que dissemos, e os pobres pequenos lavradores seriam menos contrariados em suas colheitas. *J. da C. N. C.*

Poesia.

N. B. — Um amigo do Sñr. Francisco Joaquim Bingre nos offereceu uma copia da seguinte ode, manifestando desejos de que fosse impressa no Panorama. — É notavel esta composição lyrica, por pertencer a um poeta da eschola, meio-arcadica, meiolmanista, que entre nós floreceu no reinado da Senhora D. Maria 1.ª e regencia de D. João 6.º: e ainda o é mais por mostrar que a veia da metrificacção não se exauriu na propecta idade do cantor do Vouga.

FAZENDO OITENTA ANNOS D'IDADE EM 17 DE JULHO 1843.

Ultimo canto do cysne.

Ode.

1.

Patrio Vouga ancião, o cantor vosso
Hoje fixou o circulo da vida;
Marcou o seu destroço
Octogenaria lida.
No bronze o tempo deu co'a mão pesada
A ultima pancada.

2.

Seu relógio fugaz o derradeiro
Natalicio apontou da longa era;
Emperrou o ponteiro
No oitenta que numera.
Lachesis pôz na róca com fadiga
A derradeira estriga.

3.

O fuzo torto tem, já mal o trilba

[Cansada de fiar] nos dedos gastos.

Clotho, que ensarilha,
Traz a meada a rastos.
Atropos fera co'a tesoura aberta
Quasi os anneis lhe aperta.

4.

Nymphas patricias, não touqueis com rosas
O seu tristonho natalicio dia...

Com as flôres saudosas
Cingi-lhe a fronte fria.

Só lhe competem nas extremas horas
Saudades (*), passi-floras (2).

5.

Não mais, nymphas, não mais, finde o festejo
Das sonoras canções ao natalicio

Do Vate, que no Tejo,
Teve ás vezes propicio

O refulgente Apollo com espanto
No trovão de seu canto.

6.

Hoje em vez de canções, só elegias
Deveis cantar a seus longevos annos...

Com endeixas sombrias
Nenias de desenganos.

Louvai, ó nymphas, um natal tristonho
De tão comprido sonho!...

7.

Novos vates do Vouga, o rouco canto
Do vosso velho companheiro expira...

S'elle tem jus ao pranto,
Honrai-lhe a antiga lyra,

Onde outra hora cantou versos sem pejo,
Que aprendêra no Tejo.

8.

Em tempo mais feliz, nas praias lusas,
Salitrosas, da inclita Ulisca,

Teve a estima das Musas;
Da Cythara Febea

Alguns sons aprendeu; teve louvores
D'afamados cantores.

9.

Em seu sabio Atheneu, alli com elles
Em tarefas poeticas cantava.

Francelio (3) era um daquelles
Que as azas despregava,

Seguindo o rasto de seus grandes socios,
Alvos cysnes beocios.

10.

Dalli subia ao cume do alto Pindo
Pelo trilho do-grão Cantor Elmano (4).

Quantas vezes subindo
Belmiro (5) Transtagano

Do alto lhe bradou: Sobe sem susto
Póz mim... affronta o susto.

11.

Outras vezes nas azas o tomava
O melico cantor, cysne sadino.

E tanto o remontava
O epico Thomino (6),

Que nos raios de Phebo, onde voava,
A fronte lhe escaldava.

12.

A ver estranhos ares o levavam

(1) A róxa flôr da saudade.

(2) A triste flôr do martyrio.

(3) Francelio Vonguense era o nome pastoril de Francisco Joaquim Bingre.

(4) Elmano Sadino era o nome pastoril de M. M. B. de Bocage.

(5) Era Belchior Curvo Semmedo Torres de Sequeira.

(6) Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

O assombroso Elmiro (7), o sabio Oleno (8)

E os rumos lhe ensinavam
Que o grão cantor Ismeno (9),
Imitador de Pindaro e d'Horacio,
Descobriera no Lacio.

13.

Assim tomando força audaz subia
Entre os cysnes do Tejo ao piério monte;

A lyrica Thalia
Muitas vezes a fronte

Alli lhe engrinaldou de verde louro
Ao som da lyra d'ouro.

14.

Por taças de cristal o estilo puro
Bebeu dos grandes vates quinhentistas;

Nunca o caminho escuro
Seguiu dos seiscentistas.

Foi por isso que ao Vouga o fez glorioso
Bocage luminoso (10).

15.

Que lições lhe não deu do canto agrario
O seu dilecto amigo, o doce Alcino!... (11)

Com que fogachos, Clario (12)
D'alto fogo divino

O estro lhe accendeu, e o grão Jacindo (13)
Nas tarefas do Pindo!...

16.

Mas ah! De tantos cysnes portentosos
Só o rouco do Vouga agora resta!...

De todos seus famosos
Socios viu a funesta

Passagem do Acheronte em fusca barca,
Onde elle agora embarca.

17.

Ficou só o cantor do Vouga annoso,
Para as portas fechar da Academia!... (14)

Elle chorou saudoso
A nobre companhia,

À qual a fama ind'hoje erige altares
Nos lusitanos lares.

18.

Quem hade hoje carpir amor tal quêda
De Francelio Vonguense octogenario?...

Findou a lavareda
Do facho incendiario,

Que no éstro accendia altas fogueiras
Aos Camões, aos Ferreiras!...

19.

Labyrinthos romanticos, charadas,
Phrases hieroglificas do Nilo

São as francezadas
Canções do novo estylo...

Já se não cantam nenias lacrimosas,
Elegias saudosas!...

(7) P.^o José Agostinho de Macedo.

(8) Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

(9) João Vicente Pimentel Maldonado.

(10) Vid. nota de Bocage do seu Soneto nos seus ultimos momentos, em que numera alguns socios: e vid. no seu Prologo do Poema — As plantas — os dois seguintes versos.

Ferve no audaz Francelio, e rompe os astros,
Sacro delirio, destemida insanía.

(11) Joaquim Severino Ferraz de Campos.

(12) Sebastião Xavier Botelho.

(13) Joaquim Ignacio da Costa Quintela.

(14) A Academia de Bellas-Lettas, erecta no castello de S. Jorge de Lisboa por varios curiosos, debaixo dos auspicios de S. M. a Sr.^a D. Maria 1.^a, e dirigida pelo intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique; teve bastante nome em Lisboa, e fez no paço d'Ajudá uma sessão ao nascimento da Sr.^a D. Maria Thereza, primeira filha do Sr. D. João 6.^o

20.

Té vós, nymphas gentís, desaprendido
Tendes aquellas ternas cantilenas,
Que fizeram florido
O jardim das Camenas;
Do doce Anacreonte os sons divinos,
De Theocrito os hymnos!...

21.

Em vez do lèdo canto d'artificio,
Com lagrimas d'amor, do triste vate
Honrai o natalicio
Decrepito, que bate
As portas da tremenda eternidade
Com susto e com saudade!...

Arboricultura.

EXTRAORDINARIO PRODUCTO DA CULTURA
DOS PECEGUEIROS.

A DUAS milhas de Paris para o lado do nascente, não longe da floresta de Vincennes está o povo de Montreuil cuja povoação se occupa quasi exclusivamente na cultura dos pecegueiros; e é ella tão productiva e rendosa que os dispensa de outro qualquer genero d'industria.

Antes da revolução de 1789 era apenas conhecida esta cultura; porque ao cimo do logar estava uma bella casa de campo, e quinta de madama Elizabeth, a virtuosa princeza, irmã de Luiz 16.^o, a qual com sua munificencia e caridade se incumbia de nutrir e occupar aquelles habitantes, que a respeitavam, e amavam como a mãe. O delirio fanatico dos niveladores lançou por terra o palacio, arrasou a quinta, que foi depois retalhada, e dividida em pequenos lotes, e estes convertidos em albergues de pèegos: dissemos albergues com literal propriedade como vamos expôr.

Algun dos proprietarios do logar observou que os pecegueiros alli voltados ao nascente, e abrigados do norte produziam bem, e que os fructos vendidos no mercado em Paris obtinham preço elevadissimo. Mas uma exposição ao nascente e meiodia era cousa accidental, que assim mesmo não conseguia sempre perfeita maturação dos fructos, porque as geadas e as neves tardias os definhavam, e as demasiado temporaãs pesavam nas arvores privadas de algum apoio, e até as despedaçavam. Mas o amor do lucro aguilhoava, e as tentativas e experiencias repetidas e aperfeiçoadas fizeram em fim o milagre; quer dizer que se conseguiu abastecer toda Paris de pèegos formosos e perfeitos, sahidos somente de Montreuil. Não penseis porem que lá se come um pèego ordinario por pouco dinheiro; por menos de 8 ou 10 soldos [tres ou quatro vintens de nossa moeda] é raro gostar este pommo precioso. Mas que trabalho e que despeza para os obter? Eis-aqui o methodo da cultura:—

Depois de criados os pecegueiros em sitios abrigados á força d'estrumes, e de cubertos para os livrar da neve, os enxertam, e dispõem encostados perfeitamente a um muro rebocado, de 4 varas de altura ordinariamente, guardando-o sempre de fazer face ao norte e noroeste. Os pecegueiros vão-se afeiçoando e prendendo com anneis de tecido forte aos pregos que estão semeados por toda a capacidade do muro, formando a arvore no seu crescimento uma renque encostada ao muro. Isto porem ainda não basta; é preciso alem deste resguardo do

muro que lhes serve de capote, pôr-lhe chapéu na cabeça para os abrigar da neve vertical, e para esse effeito collocam na extremidade superior do muro um bôrdo ou cuberto de palmo e meio de espessura, feito de ladrilho, ou tijolo, encaixado logo desde a primeira construcção, assim a modo das goteiras de nossos telhados, sufficiente para receber a neve que queimaria d'outra sorte as arvores, mas que não impede a luz e o sol, quando o ha, o que raras vezes acontece antes da primavera. Uma fila ou enfiada daquelles leques vegetaes reveste todo o muro, com pequena differença, e d'ellas pendem os lindissimos pèegos, quando se approximam da maturação, fazendo uma agradabilissima perspectiva.

Como a figura em leque ou ventarola não cobre facilmente a superficie inteira da muralha, vimos que os lavradores costumam encher esses vãos com gingeiras e cereijeiras, cujos lindos fructos ajudam a fazer a belleza do painel. Proximamente ouvimos que a sociedade d'agricultura de Paris premiára com uma medalha d'ouro Mr. Malot por haver descoberto o methodo de *la taille carrée*, da disposição dos pecegueiros em *quadrado* a fim d'aproveitar-se todo o espaço da muralha.

Resta dizermos o producto dos pecegos de Montreuil: no anno de 1840 sahiram dalli 13,300,000 pèegos, que produziram 731,500 francos: isto é, passante de cento e dezeseite contos de réis!..

A deusa da rasão.—Lady....., filha de uma casa mui nobre e opulenta d'Inglaterra, em idade de 17 annos deixou Londres para ir a Paris em companhia de uma sua tia já anciaã mas ainda solteira. Passou-se isto nos principios de 1789:— a tia apaixonou-se logo pelas idéas então dominantes na França; e tanto que a sua casa era a assembléa dos cabeças da revolução, Condorcet, Mirabeau, e o abbade Seyès, e posteriormente dos sanguinarios Robespierre, St. Just e outros: não é para admirar que o exemplo arrastasse e seduzisse a sobrinha para abraçar com fervor as exaltadas doutrinas republicanas. Robespierre pôz os maiores esforços para lhe apagar do coração a imagem de um lord mancebo de quem era promettida noiva, e tantas diligencias fez que conseguiu riscar-lh'o inteiramente da lembrança. A tia morreu de uma febre cerebral; e dahi a pouco appareceu a nobre Lady figurando de *deusa da rasão* na sacrilega festa, dada por Maximiliano Robespierre nos campos Elysios. Posteriormente fugiu de Paris com um italiano, que tomou por marido em Napoles; mas o esposo tão cedo a aboreceu, que a deixou só e em abandono ainda não findos dois mezes de casados. Por vergonha de actos por tal maneira fechosos, não quiz procurar os seus parentes em Inglaterra: precipitando-se de excesso em excesso, a *deusa da rasão* chegou a perder de todo a rasão que Deus lhe dera, e de que tão máu uso fizera. Em certo dia a acharam delirante, cuberta de farrapos, expirando ao pé de um pobre albergue a distancia de uma legua de Napoles.

Os que blasonam de não ceder nem vergar são como as estatuas de pedra ou bronze, que por materiaes e inanimadas não se curvam nem se dobram.

Os louvores extorquidos são brevemente desmentidos.